



Literatura e Almanques: Ariano Suassuna e os modos alternativos de inserção do popular e do nacional na mídia.¹

Amílcar Almeida Bezerra²

Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade Boa Viagem (PE)

Resumo

Celebrado pela mídia nacional, o escritor paraibano Ariano Suassuna torna-se em 1999 colunista semanal no Jornal Folha de São Paulo. Em seus textos, propõe um modelo de cultura nacional ao mesmo tempo erudita e popular, posto em prática no Recife com o Movimento Armorial. Este artigo busca por meio da análise destes textos compreender o sentido da simbiose entre o popular e o erudito no discurso de Suassuna a partir de suas referências à literatura renascentista e aos almanques dos séculos XVII e XVIII. Chama a atenção ainda para a utilização do conceito de “almanaque” pelo autor, como possibilidade de convivência do popular com o erudito na mídia contemporânea, à margem das tendências estéticas massificantes de fragmentação e homogeneização.

Palavras-chave: Cultura popular, Cultura de massa, Cultura erudita, Almanaque, Literatura.

Introdução

No Recife dos anos setenta Ariano Suassuna cria o Movimento Armorial, o qual reúne artistas das mais diversas áreas e promove fusões inusitadas entre arte popular e erudita, mesclando-as numa recriação eruditizada. Já conhecido nacionalmente tanto como autor da peça teatral “O Auto da Compadecida” quanto como mentor das idéias armoriais, o autor passa a ter a partir dos anos noventa várias de suas obras adaptadas para a televisão pela Rede Globo, o que impulsiona sua popularidade em todo o país. No ano de 2007, em virtude das comemorações relativas a seus oitenta anos de vida, Suassuna continua tendo destaque na mídia nacional, sendo convidado para palestras por todo o Brasil e tendo mais uma de suas obras adaptadas como Minissérie para a Rede Globo de Televisão: O Romance da Pedra do Reino. A adaptação por ocasião da efeméride torna-se ainda mais significativa por ser “O Romance...” a obra na qual encontramos, numa síntese de mais de seiscentas

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Folkcomunicação

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e Professor do Curso de Comunicação Social (Publicidade) da Faculdade Boa Viagem (FBV). Autor do livro “Evoluções, histórias de bloco e de saudade” (2006), sobre a história recente do carnaval em Pernambuco, tem dois artigos publicados em anais da Intercom. E-mail: amilcar.bezerra@gmail.com
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/846140113238520>



páginas, os alicerces do pensamento do autor, que vão ditar os rumos do Movimento Armorial e das suas idéias sobre a cultura.

Além da notoriedade alcançada em função de sua obra, do Movimento Artístico que idealizou e liderou e de suas incursões em cargos públicos, Suassuna também se torna conhecido como crítico voraz da cultura de massa, sobretudo da música comercial estrangeira. Em 1999, depois de quatro anos como Secretário de cultura do estado de Pernambuco, assume o compromisso de escrever uma coluna semanal para a Folha de São Paulo na qual trata de assuntos ligados à cultura brasileira. A seguir, selecionamos alguns trechos que reproduzem o essencial de suas idéias no que concerne às relações entre cultura erudita e popular. Procuramos compreender o modelo de cultura erudita nacional e ao mesmo tempo popular proposta por Suassuna a partir de sua admiração pela Literatura Renascentista e pela estética dos almanaques.

Como conseqüência de seu fascínio pelos almanaques sertanejos, descendentes no século XX dos almanaques europeus dos séculos XVII e XVIII, o autor vai batizar sua coluna na Folha de São Paulo, a partir do segundo ano de atividade, de Almanaque Armorial

“contendo idéias, enigmas, lembranças, informações, comentários e a narração de casos acontecidos ou inventados, escritos em prosa e verso e reunidos, num Livro Negro do Cotidiano, pelo Bacharel em Filosofia e licenciado em Artes Ariano Suassuna”. (SUASSUNA, 10/07/2000)

Se utilizando do conceito de “Almanaque”, Suassuna vai criticar a modernidade e a cultura de massa, defendendo uma concepção unificadora do mundo que se contrapõe à fragmentação imposta pela crescente especialização e racionalização contemporâneas.

Observamos, por fim, que o autor propõe, inspirado nesse modelo, um modo alternativo de convivência entre o popular e o erudito na mídia, desvinculado dos padrões estéticos da indústria cultural – no sentido “frankfurtiano” do termo.

1. Redescobrimo o popular

Encontramos vários pontos de ligação entre o modelo de valorização da cultura popular proposto por Ariano Suassuna e os conceitos estéticos que pontuam a obra de Mikhail Bakhtin. Vemos entre os dois autores coincidências em suas tentativas de se desvencilhar dos preconceitos da sociedade moderna para reinterpretar a cultura popular dentro de um contexto que lhe é próprio, buscando a



integridade de seu significado original. Ao analisar a cultura popular do século XV na França, Bakhtin procura reconstituir o significado da obra de um autor da época, no caso François Rabelais, por meio da compreensão de seu contexto histórico. O autor parte do pressuposto que a obra de Rabelais não foi adequadamente interpretada pelos críticos de gerações posteriores, pois cada um deles carregava consigo preconceitos típicos de suas respectivas épocas. Bakhtin consegue assim, dar uma nova dimensão de valor à obra do autor francês ao inseri-la na perspectiva da cultura de sua própria época.

Por sua vez, consciente de que na avaliação estética de uma obra não se pode desprezar o universo que a envolve, Ariano Suassuna nivela em seu discurso arte popular e arte erudita num mesmo patamar de valor. Sua visão da cultura popular contemporânea como fenômeno exclusivamente pré-moderno o leva a intervir politicamente no contexto, numa tentativa de evitar que o sentido original da arte popular se modifique – ou em sua opinião, se degenere – em meio ao turbilhão da modernidade.

A partir desta comparação, podemos compreender melhor o modelo de arte erudita nacional ao qual Suassuna se refere e ao mesmo tempo compreender como a admiração pela Literatura medieval e renascentista se reflete nas idéias do autor.

Em “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento”, Bakhtin critica os equívocos cometidos por intelectuais de épocas mais recentes em suas interpretações da obra renascentista de François Rabelais.

“Os românticos, que redescobriram François Rabelais, da mesma forma como haviam redescoberto Shakespeare e Cervantes, não souberam encontrar a chave para decifrá-lo e não passaram jamais de uma maravilhada surpresa diante dele” (BAKHTIN, 1999 [1970]:2)

A capacidade de compreensão do significado contextual da obra se deteriorava ao longo do tempo na medida em que as mudanças sociais traziam um outro mundo, distinto daquele em que a obra rabelaisiana havia sido concebida. Bakhtin decide então empreender uma reconstituição da cultura popular medieval – em particular da história do riso - com o objetivo de elaborar uma interpretação à altura da obra de Rabelais. Destaca também o sucesso de Rabelais diante do público da época para sublinhar a identificação de sua obra com o espírito da cultura popular.

Encontramos em Suassuna uma preocupação similar. Suas pesquisas na área tentam embasar a visão de que a arte popular tem tanta importância quanto a erudita,



apesar de muitas vezes ela não ser compreendida. Isso se deve ao fato dela ser observada com toda a carga de preconceitos burgueses típicos da cultura moderna. Esta valorização do popular está no entanto intimamente ligada a um reaproveitamento de seus elementos para fins nacionalistas.

2. Uma cultura ao mesmo tempo popular, erudita e nacional

A aspiração de Suassuna em construir uma cultura erudita baseada em elementos da cultura popular tem seu modelo original na Literatura Renascentista de Cervantes, Rabelais, Boccaccio e Shakespeare, entre outros. O contexto social em meio ao qual se deu a produção desta literatura é explicado por Bakhtin como um período de transição *sui generis*, resultante da desagregação do Feudalismo medieval, que ao longo de cinquenta ou sessenta anos proporcionou uma instabilidade social que favoreceu a assimilação de elementos da cultura popular pela alta literatura. Algumas das obras produzidas nessa época deram importante contribuição para a formação das línguas nacionais e, posteriormente, dos mitos fundadores do discurso nacional-popular. É nítida a relação entre a forma de elaboração e consagração dessas obras com as idéias de Suassuna sobre como deve ser produzida uma obra de arte, ou seja, recorrendo a conteúdos populares e enquadrando-os em uma estética erudita que sirva de suporte à construção de uma arte genuinamente nacional. Guardando-se as devidas diferenças relativas aos séculos que os separam, podemos citar como diferença básica a atitude politicamente orientada do Movimento Armorial quando se utiliza da arte popular para fins nacionalistas, ao passo que essa preocupação não estava na pauta daqueles autores renascentistas. No entanto, o Ariano Suassuna se inspira na posterior consagração dessas obras como depositárias de uma “essência” nacional para ilustrar que tipo de arte erudita deve ser perseguida pelos artistas nacionais enquanto “missão”.

Quando o Quinteto Armorial - vertente musical do movimento cultural criado por Suassuna – lança seu primeiro disco em 1974, é saudado da seguinte forma pelo crítico José Ramos Tinhorão, em trecho transcrito na coluna de Suassuna:

“Quantas vezes, na história de qualquer país do mundo, se conseguiu fundir em uma dúzia de peças musicais o regional no universal e o popular no erudito? A julgar pela trajetória da cultura ocidental (...) esses momentos (...) não foram muitos. (...) A revelação musical do Quinteto Armorial vem mostrar que, das profundezas da criação popular, também se pode tirar uma cultura autenticamente nacional.” (SUASSUNA, 22/02/2000)



3. A concepção unitária do mundo

Os cânones da arte burguesa constituíam um prisma inadequado para a leitura da obra de Rabelais. Bakhtin ressalta a necessidade de um mergulho profundo no universo da cultura medieval, em cujo contexto estava imersa aquela obra, para uma apreensão mais completa de seu significado. O desprezo pelas características grotescas da obra de Rabelais seria fruto do preconceito da burguesia, que a tornava incapaz de assimilar o grotesco medieval através de outros parâmetros que não os da arte clássica. Esse mesmo preconceito, segundo Bakhtin, impede a burguesia de compreender com mais profundidade outras obras clássicas renascentistas, como o Decameron de Boccaccio ou o Dom Quixote de Cervantes, que sofreram ainda grande influência da cultura popular medieval.

“(…) os contemporâneos captavam e compreendiam a integridade e a lógica do universo artístico e ideológico rabelaisiano, a unidade de estilo e a consonância de todos os seus elementos, percorridos por uma **concepção unitária do mundo**³ e por um grande e único estilo.” (BAKHTIN, 1999 [1970]:62)

A concepção unitária do mundo também está presente no universo de Suassuna, que ao mesmo tempo critica a crescente especialização das artes e das ciências no mundo de hoje. No seguinte trecho é feita uma apologia dos antigos almanaques sertanejos e uma crítica à crescente especialização do mundo contemporâneo.

“Normalmente é grande a injustiça que se faz aos almanaques, que neste mundo falsamente “moderno” que estamos vivendo, constituem uma espécie de protesto. Em primeiro lugar, protesto contra o isolamento estéril em que as artes e as ciências vão se repartindo em especialidades cada vez mais separadas, cada uma delas egoisticamente encarando a si mesmo como só e superior às outras. Depois, protesto contra o racionalismo descarnado e estéril dos cientificistas. É também uma indagação a respeito da ordem divina que nos condenou à meia-cegueira e ao meio-desterro aqui no mundo. Será que a fragmentação do nosso já precário conhecimento é resultado da sanção que veio castigar o crime inicial do rebanho humano? Se foi isso que aconteceu, talvez seja por causa dele que se destruiu nossa visão primitiva, perfeita e total do mundo (...)” (SUASSUNA, 17/07/2000)

Ainda no mesmo texto:

“Antes, abarcávamos, de um só golpe, o presente, o passado e o futuro. Ou melhor: tudo acontecia num eterno presente, que assim se entregava à nossa clara e completa visão do mundo. (...) O Almanaque, contendo tudo aquilo que já enumerei, é uma tentativa de resumo e explicação, precária, mas totalizante, da vida”(SUASSUNA, 17/07/2000)

³ Grifo do autor



O processo de racionalização ao qual está submetida a sociedade moderna dilacera a visão mítico-religiosa que provia aos indivíduos a idéia de totalidade, ou seja, de uma concepção unitária do mundo. As explicações fornecidas pela tradição eram então suficientes para satisfazer as angústias da humanidade, mas perdem força na medida em que a ciência promove a compartimentalização do conhecimento e o desencantamento do mundo.

Dentro da cosmogonia tradicional só há espaço para uma noção de “bem” em si que vai orientar os julgamentos de valor nos mais diversos campos da experiência humana. Por isso Suassuna vai criticar aqueles que se envergonham de usar os critérios de bem e mal em julgamentos estéticos. Em sua visão de mundo, o “mal” é representado pelo capitalismo e pela cultura de massa, enquanto o “bem” estaria ao lado daquilo que pode ser encarado como nacional ou popular. Em resposta a um comentário de Otávio Frias Filho, Suassuna reitera:

“Quanto a mim, não tenho dúvida: se nós deixarmos, sem protesto, que a cultura verdadeiramente brasileira seja esmagada pela cultura dos meios de comunicação de massa tal opção não estará sendo feita ‘para o bem ou para o mal’ e sim para o mal mesmo porque (também na minha opinião, é claro) aquela cultura não é talvez, mas com certeza o que temos de melhor.”
(SUASSUNA, 26/02/2001)

O popular ao qual se refere Suassuna não é exatamente o popular puro (folclore), mas aquele que guarda relações com a matéria-prima das grandes obras renascentistas e dos almanaques, ou seja, um popular já marcado pelas relações típicas de uma sociedade moderna em formação. Nas palavras do autor, temos a sorte de viver em um país onde essa dimensão do popular ainda pode ser encontrada atualmente em alguns setores da população. Tal situação daria ao Brasil a oportunidade de desenvolver uma arte nacional erudita de qualidade a partir dessas influências.

4. Almanques do passado e do presente

Suassuna destina aos almanaques uma admiração análoga àquela que nutre pelos autores renascentistas.

“Os almanaques ganharam popularidade a partir dos séculos XVII e XVIII na Europa, onde já no século XVI circulavam pelas aldeias – principalmente na França e em Portugal – como um dos poucos materiais escritos a que a população tinha acesso, sobretudo as aldeãs” (ALMANAQUE DO ALUÁ, 2006)



Como na época era muito pequeno o contingente de pessoas alfabetizadas, a elaboração do almanaque era provavelmente destinada a uma reduzida elite que tinha acesso à leitura. No entanto, foi o público popular quem melhor se apropriou dos conteúdos dos almanaques, por meio de leituras coletivas e práticas de ressignificação de seus vários calendários, jogos, fábulas, etc... O apelo popular do formato faz com que no século XX ele seja utilizado como veículo de propaganda, principalmente de laboratórios e indústrias farmacêuticas.

Nos almanaques dos séculos XVII e XVIII, a visão totalizante do mundo se traduzia numa mistura entre saberes velhos e novos, de baixo e de cima, como relata Barbero:

“Os almanaques são a primeira enciclopédia popular onde conselhos de higiene e saúde se acham misturados com receitas mágicas, e onde já se propõem em forma de perguntas e adivinhações questões de física e de matemática.” (BARBERO, 1997 : 151)

É a fascinação por essa simbiose entre o erudito e o popular que vai caracterizar o pensamento e a obra de Suassuna, e que também o faz batizar sua coluna de Almanaque Armorial, já em seus últimos meses de publicação. Essa simbiose tem origem historicamente no exato momento em que se faz necessária a incorporação do popular pela cultura hegemônica, fenômeno que se encontra ligado em sua gênese à formação dos modernos Estados nacionais. Segundo Barbero, é sobretudo na literatura de cordel que vai ser possível identificar seus traços. “Estamos diante de outra literatura que se move entre a vulgarização do que vem de cima e sua função de válvula de escape de uma repressão que explode em sensacionalismo e escárnio.” (BARBERO, 1997 : 146)

Barbero vê nessa literatura um embrião da cultura de massa em nossos dias, um palco onde se entrecruzavam os mundos populares e erudito. Aí eram selecionadas tradições orais e adaptados trechos da tradição culta para posterior consumo da população. É essa cultura que vai produzir narrativas nas quais a apologia ao bandoleiro e ao fora-da-lei surge como crítica ao poder estabelecido. Qualquer semelhança com o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, grande



aficionado também dos cordéis, talvez seja um pouco mais do que mera coincidência.⁴

5. A cultura do mal

Paralela à sua admiração pelos cordéis e almanaques, Suassuna nutre uma forte aversão à cultura de massa contemporânea e a tudo o que a representa.

“Algumas pessoas acham que para preservar uma impossível e indesejável pureza da cultura brasileira eu seria contrário a seu contato com outras culturas. De modo nenhum. Sou contrário somente ao mau gosto da cultura de massas, brasileira ou americana” (SUASSUNA, 22/02/2000)

Sua crítica se dá aparentemente em virtude do exacerbamento da função mercadológica no processo de circulação cultural, tal qual diagnosticado por Adorno e Horkheimer em seu histórico texto “A indústria cultural”. De fato, a visão da cultura de massa como uma modalidade totalmente submissa ao mercado vai marcar a visão dos dois intelectuais da Escola de Frankfurt. Este seria, para eles, o diferencial da cultura de massa com relação às formas pré-industriais de cultura. A sociedade de mercado, tendo como instrumento os meios de comunicação de massa, seria responsável pelo fim da arte, ao exacerbar seu caráter de mercadoria e consequentemente proporcionar seu achatamento ao gosto médio.

“O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmo como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 [1944] : 114)

As críticas de Suassuna emergem no mesmo tom:

“Na década de 60, o pessoal da música popular brasileira opunha-se aos compositores e intérpretes da chamada jovem guarda, que tocavam guitarra elétrica e foram os primeiros responsáveis pela introdução, no Brasil, da detestável música americana, nivelada pelo mau gosto da arte de massas e pela qual se está começando a reduzir a música dos outros países a uma uniformização achatadora, monótona, feia e de má qualidade.” (SUASSUNA, 09/05/2000)

A crítica se acentua quando o assunto é a música pop norte-americana:

“(…) a imitação seria ainda pior no caso do rock, música na qual os jovens americanos brancos, liderados por um imbecil como Elvis Presley, falsificam

⁴ Considerada por alguns críticos como marco inicial do Teatro nacional-popular no Brasil, a peça “O Auto da Compadecida” narra as peripécias de João Grilo, personagem inspirado na cultura popular sertaneja, que desmoraliza através de suas artimanhas os poderes estabelecidos, sejam eles sagrados ou mundanos.



uma raiz popular negra, enfraquecendo sua força original e achatando-a de acordo com o gosto médio e o mau gosto dos meios de comunicação de massa” (SUASSUNA, 22/02/2000)

Para Suassuna, o *modus operandi* da Indústria Cultural desvirtua o produto artístico, sendo a causa de sua padronização em função do gosto médio do público. O resultado desse processo é para ele indesejável, pois submete qualquer pretensão moral ou nacionalista da obra de arte às leis do mercado. Industrializada, a cultura popular também perderia sua “força original” e seria igualmente “achatada”.

6. Considerações finais

Respalhado por declarações de Gabriel Priolli e Arlindo Machado proferidas num evento denominado “Encontro latino-americano sobre TV de qualidade” em 1999, Suassuna chama a atenção em sua coluna para o fato de que “ao lado do ruim e do péssimo, a televisão, como qualquer outro meio de expressão, pode mostrar (e mostra) excelente arte” (SUASSUNA, 19/10/1999). Como exemplos disso teríamos as minisséries produzidas pela Rede Globo nos anos oitenta e, nos anos setenta, os teleteatros da TV Cultura.

Como alternativa ao padrão estético predominante na mídia de massa, Ariano Suassuna propõe um modelo que se afasta da homogeneização redutora a que, na sua opinião, são submetidos a maioria dos produtos culturais ao serem transformados em mercadoria. Dentre as premissas básicas de seu discurso está exatamente a negação de qualquer tipo de submissão da arte a preceitos mercadológicos. O mercado deve servir à arte, e não o contrário.

A cultura dos cordéis e almanaques, embora já traga alguns germes daqueles processos que vão marcar o funcionamento da indústria cultural – tais quais a comercialização e o aproveitamento de elementos da cultura popular – não pode ser caracterizada como cultura de massa. Para Barbero, essa cultura, que traz um novo modo de existência do popular, seria algo como um estágio de transição entre o um “puro” folclore idealizado e a cultura de massa. É também um tipo de simbiose entre o popular e o erudito, tal qual as obras renascentistas o foram à sua época. Ambos trazem ainda a visão unificada do mundo à qual se ajusta o pensamento de Suassuna quando propõe uma idéia única de “bem” que orienta suas argumentações tanto no campo moral, quanto no estético e no político. “Todo esforço para se alçar ao divino (seja esforço de conhecimento, seja esforço de beleza, seja esforço de justiça) é uma



tentativa de dar sentido e ordem a esse Caos que ameaça o homem” (SUASSUNA, 08/02/2000)

Para Suassuna, a cultura de massa produz arte medíocre, por isso deve ser combatida. Os artistas brasileiros que produzem arte com características da cultura de massa vão de encontro às convicções de Suassuna e são por ele rotulados de “mercenários” e “traidores” por quebrarem a moral que na sua opinião pressupõe a elaboração artística. Essa moral, além conter uma visão sagrada da arte, estará ligada sobretudo a um sentimento nacionalista. O contato da cultura popular com a cultura de massa representa o fim da arte. Cabe aos artistas, políticos e intelectuais evitar que isso aconteça.

O almanaque, bem como a cultura erudita de inspiração popular, seriam por esse prisma formas legítimas de comunicação com o grande público, representando modos de sobrevivência do popular na mídia que permaneceriam imunes a uma suposta e indesejável onipotência dos ditames do mercado.

Há então, segundo Priolli, Machado e Suassuna, possibilidades de circulação de mensagens na mídia sem que necessariamente seu conteúdo seja desvirtuado pelas tendências massificantes de homogeneização e repetição. Para Suassuna, no entanto, isso depende fundamentalmente de uma postura política do intelectual e do artista que, lutando contra o vetor massificante, defende os valores ligados à sua arte e à arte de seu povo.

Referências bibliográficas

ALMANAQUE DO ALUÁ. Rio de Janeiro: Sapé, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Brasília: UNB, 1999.

BARBERO, Jesús-Martín. Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

DIDIER, Maria Theresa. Emblemas da Sagração Armorial. Recife: UFPE, 2000.

HABERMAS, Jürgen. Teoria de la Acción Comunicativa I: Racionalidad de la Acción y Racionalización Social. Madrid: Taurus, 1999.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.



SUASSUNA, Ariano. . Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de Out. de 1999. Opinião, 1-2.

SUASSUNA, Ariano. Prêmio Coca-cola. Folha de São Paulo, São Paulo, 08 de Fev. de 2000. Opinião, 1-2.

SUASSUNA, Ariano. Tinhorão e o Quinteto. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 de Fev. de 2000. Opinião, 1-2.

SUASSUNA, Ariano. A cultura e o presidente. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 de Mai. de 2000. Opinião, 1-2.

SUASSUNA, Ariano. Prólogo. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 de Jul. de 2000. Ilustrada, E8.

SUASSUNA, Ariano. Elogio do Almanaque. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de Jul. de 2000. Ilustrada, E8.

SUASSUNA, Ariano. Cláudia Leitão e a Festa do Povo. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 de Fev. de 2001. Ilustrada, E8.